

# ATTITUDE NATURAL E ATTITUDE FENOMENOLÓGICA: A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE AS DIFERENTES ATITUDES A PARTIR DO ATO INTUITIVO

*Natural attitude and phenomenological attitude: the relationship between the different attitudes from the intuitive act*

Felipe Bragagnolo\*

**Resumo:** Um dos conceitos chaves da fenomenologia husserliana é denominado *intuição*. Esse conceito pode inicialmente ser compreendido na tradição fenomenológica como afinidade radical entre o “ver” de fato e o “ver” de essência. O “ver” de fato é entendido como parte da *atitude natural*, já o “ver” de essência surge na *atitude fenomenológica*. Com isso, torna-se nosso objetivo nesse artigo compreender a relação existente entre a *atitude natural* e a *atitude fenomenológica*. Para realizar essa investigação temos como base o pensamento husserliano e algumas contribuições específicas de Levinas diante do tema da *intuição*. A questão norteadora de nossa investigação pode assim ser apresentada: como podemos mudar o nosso “olhar”, que está imerso inicialmente na *atitude natural*, considerada por Husserl como sendo em certa medida irrefletida por seu caráter de crença no mundo e nas coisas, para um “olhar” fenomenológico? Almejando responder essa questão dividimos esse artigo em duas partes: 1ª) “Atitude Natural como parte *do* e abertura *para* o ‘ver’ de essência”, 2ª) “Ato intuitivo: atividade da consciência que revela a relação existente entre a *atitude natural* e a *atitude fenomenológica*”. A fenomenologia é apresentada nesse artigo como um método filosófico capaz de propiciar a unidade entre os diferentes saberes.

**Palavras-chave:** Intuição. Edmund Husserl. Atitude Fenomenológica. Atitude Natural.

**Abstract:** One of the key concepts of Husserl's phenomenology is called *intuition*. This concept may initially be understood in the phenomenological tradition as a radical affinity between "seeing" fact "seeing" the essence. The to "see" is actually understood as part of the *natural attitude*, already "see" the essence arises in *phenomenological attitude*. With this, it is our purpose in this paper to understand the relationship between the *natural attitude* and the *phenomenological attitude*. To perform this investigation we have as a basis the husserliano thought and some specific contributions of Levinas on the topic of *intuition*. The main question of our research can be presented: how can we change our "look" that is initially immersed in the *natural attitude*, considered by Husserl as to some extent by his thoughtless character of belief in the world and the things, for one "look" phenomenological? Craving answer this question we divide this article into two parts: 1st) "Natural Attitude as part of and openness to 'see' the essence"; 2nd) "Intuitive Act: activity of consciousness that reveals the relationship between the *natural attitude* and the *phenomenological attitude*". Phenomenology is presented in this article as a philosophical method able to provide unity among different knowledge.

**Keywords:** Intuition; Edmund Husserl; Phenomenological Attitude; Natural Attitude.

\* Mestrando no Programa de Pós-graduação em filosofia pelo Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista CNPq. Contato: filosofiaufsm.felipe@yahoo.com.br

## Introdução

A trajetória de vida de Edmund Husserl (1859-1938) esteve marcada por um contexto histórico permeado pelo sucesso das ciências empíricas, dos experimentos físicos, das invenções tecnológicas e dos mecanismos revolucionários atrelados ao fortalecimento do sistema econômico capitalista. Parte desses acontecimentos, ocorridos no século XVIII e XIX, é consequência dos ideais positivistas que perpassavam aquele contexto histórico. O modelo de conhecimento que mais se desenvolvia e recebia o prestígio da sociedade em geral era o conhecimento prático, desenvolvido pelas ciências naturais, em função do crescimento tecnológico e científico por ele proporcionado. Por outro lado, as ciências humanas acabavam perdendo seu espaço<sup>1</sup>. A promessa de progresso da humanidade que o positivismo científico trazia consigo, além de enfatizar o caráter “salvífico” das ciências naturais, não permitia o desenvolvimento ou incentivo das outras áreas do saber. A teoria de Charles Darwin (1809-1882), denominada *evolução das espécies*, surgiu como uma possível comprovação dos ideais postulados pelo positivismo comtiano, onde a esperança da humanidade de obter respostas sobre a origem de sua espécie não deveria estar mais depositada na religião, mas sim no conhecimento advindo das ciências naturais.

Husserl, filósofo alemão do século XX, ao deparar-se com esse contínuo avanço das ciências naturais, em detrimento das ciências humanas, percebeu uma fragmentação da unidade do saber. Em outras palavras, o progresso que ocorria na área das ciências naturais parecia não se relacionar com os temas estudados pelas ciências humanas. Essa constatação, realizada por Husserl, acabava por lhe causar inquietações de espírito, pois poderiam os conhecimentos, mesmo sendo de diferentes áreas, não se relacionarem em nada? Não seria possível encontrar nenhuma unidade entre os diferentes conhecimentos? A princípio, as ciências naturais não almejavam uma unidade no conhecimento, cada área do saber acabava por se desenvolver isoladamente uma das outras.

Em função dessa ausência de diálogo entre as diferentes áreas do saber, pode-se constatar também que essas diferentes áreas poderiam estar resolvendo problemas de uma mesma espécie e propondo respostas que não necessariamente se conectariam. Isso acarretaria no surgimento de possíveis contradições nas respostas propostas pelas diferentes áreas. Outro ponto que Husserl está atento em investigar é a possibilidade de chegarmos a conhecimentos imutáveis. No entanto, qual seria o interesse de Husserl em buscar esse tipo de conhecimento? Ao perceber que nenhuma das respostas trazidas à luz pelas diferentes áreas do saber natural poderiam ser aceitas como uma verdade imutável. Isso, tendo em vista que é intrínseco ao método dessas a possibilidade de novas respostas diante do mesmo problema estudado<sup>2</sup>. Husserl propõe um *novo* local de fundamentação do conhecimento, não mais na empiria. Conforme Levinas, Husserl novamente se inquieta ao perceber que o conhecimento

<sup>1</sup> GOTO, T. A. *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich* / Tommy Akira Goto. – São Paulo: Paulus, 2004, p. 19.

<sup>2</sup> GOTO, T. A. *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich* / Tommy Akira Goto. – São Paulo: Paulus, 2004, p. 30.

Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo

natural almeja ser o alicerce dos demais saberes<sup>3</sup>. Diante dessas diferentes inquietações que Husserl possuía, este sugere como missão do filósofo a tarefa de buscar assentar os diferentes saberes num mesmo terreno e fornecer, se possível, certezas indubitáveis no lugar das dúvidas apresentadas pelo método utilizado pelas ciências naturais. Para Husserl, o filósofo deve buscar uma doutrina universal e absoluta do conhecimento.

Husserl aceita então essa missão e coloca como sua meta teórica a busca de um terreno seguro para assentar o saber. Segundo Levinas, Husserl “aspirará a conduzir-nos às primeiras evidências, sem as quais a ciência não seria digna do seu nome”<sup>4</sup>. A partir disso nos é possível dizer junto com Tommy Goto, que o objetivo principal da fenomenologia husserliana será o de encontrar o terreno que fundamenta todas as ciências a fim de garantir que o ato de pensar tenha uma segurança inabalável<sup>5</sup>.

O método fenomenológico surge como resposta a essa crise científica e metodológica das ciências naturais, tendo em sua base a motivação e o desejo de renovar as ciências humanas tanto em seu rigor, como também em sua segurança. Com isso, Husserl pretende superar o positivismo e as “explicações metafísicas de seu tempo”<sup>6</sup>, tornando a fenomenologia a ciência entre as demais ciências.

Husserl ao aceitar essa missão de re-fundamentar o conhecimento não apresenta a fenomenologia como uma outra forma de analisar, de pensar, de ver o mundo. No entanto, a fenomenologia surge como a nova forma de compreensão das coisas, do mundo e do sujeito cognoscente. Logo, a proposta husserliana é ousada e sugere um novo paradigma epistemológico tanto para o saber filosófico como para o saber científico. Essa proposta tem em sua raiz o objetivo da fundamentação de todas as ciências na filosofia, onde as ciências não mais estariam atentas somente para a realidade empírica, mas também para o problema do *sentido* do mundo, das coisas e do *ser*. A ciência passa a ser compreendida como engajada no mundo e sendo detentora de uma vocação. Em outras palavras, tudo o que é protagonizado pelas diferentes áreas do saber, além de se apresentarem como desenvolvimentos necessários e úteis para a humanidade, também são percebidos como possuidoras de um *sentido* ontológico que as fundamenta enquanto ciências.

Para conseguir trilhar esse novo caminho, Husserl tem de se distanciar dos princípios teóricos apresentados pelo racionalismo empírico e pelo naturalismo do século XIX. A atenção desse filósofo está voltada para o *novo* mundo epistemológico, que o filósofo René Descartes (1596-1650) e o filósofo, seu professor e estudioso de psicologia, Franz Brentano (1838-1917)<sup>7</sup> apontaram, mas não

<sup>3</sup> LEVINAS, E. 1930. *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, p. 11.

<sup>4</sup> LEVINAS, E. 1930. *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, p. 12.

<sup>5</sup> GOTO, T. A. *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich / Tommy Akira Goto*. – São Paulo: Paulus, 2004, p. 29.

<sup>6</sup> GOTO, T. A. *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich / Tommy Akira Goto*. – São Paulo: Paulus, 2004, p. 21.

<sup>7</sup> Ambos pensadores são de extrema importância para compreendermos a filosofia de Edmund Husserl, mas como nosso objetivo não é apresentar os pontos congruentes e de distanciamentos que o mesmo possui diante deles, somente fazemos essa referência para esclarecimento. Obras que podem ser lidas e que auxiliarão numa

---

 Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo
 

---

adentraram como o mesmo fará. Levinas afirma que a fenomenologia de Husserl surge como uma “disciplina pela qual o espírito toma consciência de si (*Selbstbesinnung*), assume a responsabilidade de si e, no fim de contas, a sua liberdade”<sup>8</sup>. Sendo assim, a fenomenologia, além de ser uma disciplina que pretende responder as questões postas por seu contexto histórico, ainda tem como pretensão a reformulação das bases do saber e de ser considerada a teoria filosófica por excelência ou *a filosofia*. Pois apenas partindo da unidade sistemática por ela proposta é que as demais ciências conseguirão alcançar uma racionalidade autêntica<sup>9</sup>. A fenomenologia revela-se, então, como uma ciência desejosa de assumir o posto de ciência fundamental e universal diante das demais.

Perante as ideias que fundamentam a fenomenologia até aqui apresentadas, não nos restam dúvidas que essa disciplina filosófica se revela como um novo modo de pensar contemporaneamente a nossa forma de orientação, de pensamento, de análise do mundo, das coisas, como do próprio sujeito cognoscente. A fenomenologia nos fornece uma nova forma de “ver” o mundo e as coisas, e esse novo olhar nos sugere uma nova forma de orientação. Logo, torna-se nosso objetivo neste artigo, a partir do pensamento filosófico de Husserl, com contribuições específicas de Levinas, compreender esse *novo* método de análise proposto pela fenomenologia. Sabemos inicialmente que para desenvolver essa tarefa teremos que nos defrontar com ideias que remetem a duas formas de nos posicionarmos diante do mundo, sendo elas: a *atitude natural* e a *atitude fenomenológica*. Como referimos no título desse artigo, a *intuição* surge em nossa análise como sendo um ponto de conexão, de relação entre as diferentes *atitudes*. Não é nosso objetivo desenvolver exaustivamente a compreensão da *intuição*, mas somente mostrar a possibilidade de compreender através da *intuição* a relação existente entre a *atitude natural* e a *atitude fenomenológica*.

Segundo Husserl, nossa atitude primeira, nossa postura original diante do mundo e das coisas está alicerçada numa crença originária, onde assumimos o caráter de irreflexão, de ausência de questionamentos diante daquilo que nos circunda e do próprio *eu*. A consequência dessa postura é uma crença inquestionável no mundo e nas coisas, uma *atitude natural*. Por outro lado, é possível assumirmos uma postura de dúvida, de reflexão por excelência diante do mundo e das coisas se assumirmos uma *atitude fenomenológica*. Essa atitude tem a pretensão de nos revelar aquilo que sustenta, que doa sentido ao mundo e a todas as ciências. A partir disso, almejamos responder as seguintes indagações filosóficas: Como nos é possível mudar a postura originária do *eu* diante do mundo e das coisas? Como podemos suspender, neutralizar os juízos imediatos da consciência diante das coisas? A *atitude natural* seria totalmente distinta da *atitude fenomenológica*? Em busca de responder essas questões dividimos nosso artigo em duas partes: 1ª) “Atitude Natural como parte *do* e

---

melhor compreensão do próprio Husserl são, dentre outras: de Franz Brentano, *Psicologia segundo um ponto de vista empírico* (1874); e, de René Descartes, *Meditações Metafísicas* (1641).

<sup>8</sup> LEVINAS, E. 1930. *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, p. 3.

<sup>9</sup> HUSSERL, E. 1859-1938. *Meditações cartesianas e Conferência de Paris: de acordo com o texto de Husserliana I* / Edmund Husserl; editado por Stephan Strasser; tradução Pedro M. S. Alvez. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Forense, 2013, p. 1.

Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo  
 abertura *para* o ‘ver’ de essência”, 2ª) “Ato intuitivo: atividade da consciência que revela a relação existente entre a *atitude natural* e a *atitude fenomenológica*”.

Na primeira parte desse trabalho, analisamos brevemente a orientação do *eu* diante do mundo e das coisas anterior a *epoché* fenomenológica; e, na segunda etapa, descrevemos a possibilidade de compreender o ato intuitivo como ato da consciência que está vinculado a *atitude natural* e a *atitude fenomenológica*. Ou seja, não existiria uma possível separação das diferentes formas de orientação do *eu* frente ao mundo e as coisas, a não ser como o próprio Husserl apresenta, que seja ponderada a questão metodológica da fenomenologia, onde se faz necessária uma suspensão dos juízos imediatos para ir ao encontro das verdades transcendentais apodícticas. Não pretendemos aqui esgotar, se é que é possível, tais discussões, mas sim introduzir alguns aspectos centrais referentes a esses temas, já que essas questões são fundamentais e básicas para a compreensão dos demais pontos que serão abordados dentro da filosofia fenomenológica de Husserl, além de fazerem alusão a possíveis estudos na área da filosofia analítica.

### 1 Atitude Natural como parte *do* e abertura *para* o “ver” de essência.

Husserl, considerado o pai da fenomenologia pela tradição filosófica, é um dos mais eminentes pensadores ocidentais do século XX, tendo em vista o comprometimento que possuía com o progresso científico e ético da sociedade humana. O seu pensamento filosófico culminou no desenvolvimento do método fenomenológico que tem como objetivo analisar as questões pertinentes ao *ser* e a tudo aquilo que o envolve. De um ponto de vista inicial podemos dizer, conforme Levinas, que: “Husserl quis apresentar uma filosofia geral do *ser* e do espírito. Nessa filosofia, o método fenomenológico não é um processo que descobre um certo número de proposições verdadeiras, mas a própria *existência* dessa filosofia”<sup>10</sup>.

Sendo assim, a fenomenologia além de ser um método filosófico deve ser compreendida como o próprio modo de filosofar ou de fazer filosofia. Logo, para Husserl, fazer filosofia ou pensar filosoficamente é pensar fenomenologicamente.

No início da obra *Ideias I*, mais especificamente no primeiro parágrafo, Husserl já apresenta o que podemos compreender como as primícias da *atitude natural*: “O conhecimento natural começa pela experiência e permanece na experiência”<sup>11</sup>. Husserl explica-nos através dessa citação que o conhecimento natural surge a partir da experiência física. Esta forma de conhecer o mundo, pela experiência e permanecendo na experiência, nos aponta, mesmo que brevemente, aquilo que Husserl compreende por *atitude natural*. Pois quando estamos voltados para as coisas e para o mundo sem questioná-los, simplesmente crendo naquilo que percebemos como verdades indubitáveis, nenhuma outra *atitude* nos é oferecida a não ser a *atitude* de crença.

<sup>10</sup> LEVINAS, E. 1930. *Descobrir a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, p. 14.

<sup>11</sup> HUSSERL, E. 1859-1938. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia*. – tradução Márcio Suzuki. – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006, p. 33.

---

 Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo
 

---

Parece-nos que a postura de crença no mundo e nas coisas é a postura mais difundida em nosso contexto social, pois dificilmente nos deparamos com pessoas questionando a validade ou legitimidade das coisas, do mundo e da existência. A *atitude* de dúvida muitas vezes se torna mais perceptível nas crianças do que nos adultos, mas, na maioria dos casos, esvai-se rapidamente. Podemos, então, nos questionar: existiria alguma justificativa para explicar essa postura de crença que parece prevalecer em nossa sociedade? Para Husserl, é em função do *ego*<sup>12</sup> estar originariamente voltado para o mundo que o mesmo não duvida e não questiona a sua existência. Somos involuntariamente seres que cremos no mundo e nas coisas. No entanto, é em função de nos percebermos imersos nessa postura original que podemos questionar a sua legitimidade e validade.

Na *atitude natural*, o *ego* está imerso num mundo onde as coisas se dão de formas unilaterais, múltiplas e de caráter *in infinitum*. Esse mundo que aqui referimos é o mundo físico, que se revela a nós a partir dos cinco sentidos. Faz parte de sua natureza poder revelar-se constantemente de diferentes formas, vejamos o exemplo da cadeira. Sempre percebemos a cadeira (qualquer que seja) conforme o nosso ponto de vista: se estamos distantes podemos ter uma determinada impressão dela; se estamos mais próximos, a cadeira pode se mostrar com outras características; caso a desmontemos, teremos uma nova percepção e assim por diante. Torna-se, então, uma característica própria do *ego* imerso na *atitude natural* a constante abertura à novas experiências, à novas verdades, tendo em vista que o mundo nunca se apresenta em sua totalidade.

Basta por ora a indicação de que mesmo a forma espacial de uma coisa física só pode ser dada, por princípio, em meros perfis unilaterais; de que toda qualidade física nos enreda nas infinitudes da experiência, mesmo fazendo abstração dessa inadequação, que se mantém constantemente apesar de todo o ganho e qualquer que seja o avanço que se faça em intuições contínuas; e de que toda multiplicidade empírica, por mais abrangente que seja, ainda deixa em aberto determinações mais precisas e novas das coisas, e assim *in infinitum*<sup>13</sup>.

Essa afirmação de Husserl se apresenta um tanto quanto perturbadora para as ciências empíricas, pois como poderíamos confiar em conclusões por elas fornecidas se não nos podem garantir certezas inquestionáveis? Para Husserl, o método utilizado pelas ciências empíricas sempre está sujeito a modificações, sabendo que, em sua base, estão os dados advindos da experiência empírica<sup>14</sup>. No entanto, é importante esclarecer que Husserl não está afirmando a impossibilidade de um conhecimento válido fornecido pelas ciências empíricas, mas está, em certo sentido, preocupado em definir um campo onde a dúvida e a incerteza não estejam presentes. Segundo Husserl, não podemos

---

<sup>12</sup> O *ego* pode ser aqui compreendido como o *ser ontológico*. Utilizamos o conceito *ego* tendo em vista a fidelidade terminológica husserliana.

<sup>13</sup> HUSSERL, E. 1859-1938. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia*. – tradução Márcio Suzuki. – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006, p. 36.

<sup>14</sup> CERBONE, D. R. *Fenomenologia*. – tradução de Caesar Souza. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p. 37-38.

Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo

“pôr fora de validade todas as ciências que nos são previamente dadas, tratá-las como se fossem para nós preconceitos inadmissíveis”<sup>15</sup>, mas sim devemos reter que,

Para a finalidade de uma fundamentação radical da ciência, a evidência da experiência do mundo carece, primeiro, de uma crítica da sua validade e do seu alcance, e que, portanto, não podemos, sem questão, tomá-la como sendo imediatamente apodítica<sup>16</sup>.

Almejando fundamentar a ciência em um terreno seguro, Husserl expõe a concepção do *ego* enquanto intencionalmente e originariamente voltado para as coisas, para os fatos e para o mundo<sup>17</sup>. No entanto, o que significa dizer que o *ego* está intencionalmente voltado para as coisas e para o mundo? Essa seria uma postura involuntária ao *ego*? Em função do *ego* estar originariamente atrelado ao movimento intencional da consciência, esse não consegue ser pensado se não diante desse paradigma. Com isso, a *atitude* de crença no mundo e nas coisas não pode ser considerada uma postura, uma orientação que o *ego* aprende ou adquire com o passar do tempo, no entanto, como podemos perceber, essa crença é involuntária.

Jean-Michel Salanskis escreve que a *atitude natural* consiste em um ato espontâneo da consciência que não percebemos naturalmente. É em função dessa postura original que acabamos por considerar como existente “– sem qualquer esforço e, no caso, sem nenhuma consciência de efetuar, verdadeiramente falando, o menor ato – todo objeto que nos concerne”<sup>18</sup>, vivendo numa postura inocente, sem questionar a validade das coisas e do mundo.

Husserl revela que a consciência originariamente consiste nesse ato de afirmação do mundo, um dizer *isto* existe. Essa concepção teórica se torna mais perceptível quando analisamos a postura de uma criança diante das coisas que lhe aparecem empiricamente. A criança crê, involuntariamente, no mundo e nas coisas, ela não precisa ser ensinada para realizar esse ato, é natural e espontâneo. Com o passar dos anos ela pode até começar a duvidar, mas originariamente se apresenta como crente diante das coisas e do mundo.

Para Sokolowski, não nos é possível compreender a consciência se não como essa postura original. Seria impossível pensar a consciência como em um estado de *solipsismo* absoluto, ou seja, de isolamento total de contato com o mundo e com as coisas. No entanto, Sokolowski afirma que só existe consciência em função de ela ser naturalmente *de alguma coisa*<sup>19</sup>.

<sup>15</sup> HUSSERL, E. 1859-1938. *Meditações cartesianas e Conferência de Paris: de acordo com o texto de Husserliana I* / Edmund Husserl; editado por Stephan Strasser; tradução Pedro M. S. Alvez. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Forense, 2013, p. 55.

<sup>16</sup> HUSSERL, E. 1859-1938. *Meditações cartesianas e Conferência de Paris: de acordo com o texto de Husserliana I* / Edmund Husserl; editado por Stephan Strasser; tradução Pedro M. S. Alvez. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Forense, 2013, p. 55.

<sup>17</sup> SOKOLOWSKI, R. *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 53.

<sup>18</sup> SALANSKIS, J. -M. 1951 – *Husserl* / Jean-Michel Salanskis; tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. – São Paulo : Estação Liberdade, 2006, p. 44.

<sup>19</sup> SOKOLOWSKI, R. *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 55.

---

 Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo
 

---

Até o momento ficamos atentos para a análise da consciência enquanto *atitude natural*, todavia esse seria o único modo de orientação da consciência? Segundo a concepção de consciência husserliana, podemos nos dirigir de outros modos para as coisas e para o mundo além daquela proposta pela *atitude natural*. Podemos questionar o mundo, duvidar de sua existência, pensar para além daquilo que os fatos empíricos nos mostram. Essas diferentes posturas nos revelam um possível rompimento com a *atitude natural*. A consciência, quando pensada a partir de outra *atitude*, mostra-se como não sendo limitada a reproduzir os dados que recebe do mundo empírico, contudo é entendida como inventora, como criadora de outras realidades. Buscando exemplificar essa questão utilizemos o seguinte exemplo: É possível, mesmo estando diante de um dia chuvoso, com neblina e frio, em meio ao verão, na praia, desejarmos um amanhã com sol irradiante, objetivando nos divertir com a nossa família e amigos. A imaginação permite-nos criar outras formas de “realidades”, diferentes das apresentadas factualmente. Entretanto, quando estamos imersos na *atitude natural* não percebemos como as coisas que nos circundam, o mundo que nos envolve e os atos que exprimimos não são somente constituídos por atos da experiência, mas sim por atos da consciência.

É a partir da *atitude natural* que Husserl irá nos propor uma nova forma de orientação diante do mundo e das coisas. A compreensão da consciência, enquanto ato *doador de sentido* na *atitude natural*, possibilitar-nos-á ir ao encontro da mesma consciência a partir de uma nova atitude: a *atitude fenomenológica*. Não existe, nesse primeiro momento, um distanciamento entre a *atitude natural* e a *atitude fenomenológica*, porque é na própria relação do *ego* com o mundo que emerge a abertura para a compreensão da intencionalidade da consciência. O mundo e as coisas, tendo como ponto de partida a intencionalidade da consciência, são entendidos enquanto *para* alguma coisa e a consciência é sempre *de* alguma coisa. Portanto, o *ego* não é simplesmente afetado pelo mundo e as coisas, mas é um *ego* ativo, intencionalmente voltado para aquilo que o circunda. Wilhelm Szilasi apresenta um belo exemplo, descrevendo uma situação comum em sala de aula, onde fica perceptiva a consciência enquanto ato intencional, que já traz consigo significados, interpretações intencionais do mundo e das coisas. Segue o exemplo da colocação da mesa do professor:

Eu percebo como está localizada, ou como a encontro quando entro na sala de aula; e percebo também, se a mesa está em meu caminho, como devo empurrá-la para passar. Este ‘empurrar’, e o papel que ele desempenha na percepção, é particularmente importante porque mostra que não existe um ‘perceber’ entendido como um mero fixar o olhar<sup>20</sup>.

Com isso, podemos dizer que ao depararmos com as coisas, ou, como no exemplo acima, a mesa, não simplesmente a vemos como um determinado objeto, contudo já trazemos conosco, enquanto ato intencional da consciência, todas as possibilidades de manuseios e significados daquele objeto que me aparece. O ato de mudar de lugar o objeto, de percebê-lo como nos impedindo de chegar ao nosso destino, não estão contidos no objeto empírico. No entanto, a consciência enquanto

---

<sup>20</sup> SZILASI, W. *Introducción a la fenomenología de Husserl*. – 1a ed. – 1a reimp. – Buenos Aires: Amorrortu, 2003, p. 32.

---

 Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo
 

---

*ato* já traz consigo essas orientações, sendo a partir disso, que encontramos significados e nos movimentamos no mundo. Na fenomenologia husserliana, não podemos compreender nenhuma percepção “como um mero fixar o olhar”. Esse foi o erro realizado nas diferentes áreas do saber, como: na psicologia, na fisiologia, e também na fenomenologia tal como entendem a maioria dos investigadores que se serviram dela<sup>21</sup>.

Podemos nesse momento nos fazer uma outra questão importantíssima no contexto da fenomenologia: Como podemos compreender o mundo? O mundo poderia ser pensado como algo somente meu, da minha consciência? Sokolowski relata que o mundo além de ser um horizonte de possibilidades, onde todas as coisas podem ser dadas intencionalmente é o que aparece para o *ego*, o agente da *atitude natural*. O *ego* é compreendido como “aquele para quem o mundo e suas coisas são dadas, que, simultaneamente, é parte do mundo e ainda está na posse intencional do mundo”<sup>22</sup>. O mundo e as coisas são para o *ego*, mas, paradoxalmente, o *ego* não se reduz a sua condição de estar no mundo, o mesmo possui em si o mundo enquanto *objeto intencional*. Portanto, o *ego* que está no mundo e faz parte do mundo empírico também pode ser compreendido enquanto *ego transcendental*, propriamente revelado na *atitude fenomenológica*. David Cerbone escreve que podemos compreender o mundo a partir da *atitude fenomenológica* como uma realidade cujos “objetos” são precisamente fenômenos conscientes, que admitem um nível de certeza diferente do tipo que é alcançável dentro das ciências naturais<sup>23</sup>.

No entanto, qual seria a função da intuição diante desse novo paradigma filosófico proposto pela fenomenologia? Seria a partir da intuição que poderíamos “ver” o mundo e as coisas de uma outra forma? Como o próprio Husserl escreve, na intuição não nos é apresentado “meramente o ver sensível, empírico, mas o *ver em geral, como consciência doadora originária*”<sup>24</sup>. Será inicialmente analisando o ato intuitivo que entenderemos a *atitude fenomenológica* e a relação inseparável existente com a *atitude natural*. A *atitude fenomenológica* revela-nos que nem tudo é pura contingência, no entanto, o contingente sempre possui algo permanente, algo invariável, isto é, uma essência, sendo denominado por Husserl como *Eidos*.

O *Eidos* é a essência dos fenômenos [...], pois é construído pelo invariável que sempre permanece idêntico nas variações. [...] Estas essências são objetos ideias (verdades de razão) que nos permitem classificar e distinguir os fatos, isto é, evidências que caracterizam o aparecer dos fenômenos<sup>25</sup>.

---

<sup>21</sup> SZILASI, W. *Introducción a la fenomenología de Husserl*. – 1a ed. – 1a reimpr. – Buenos Aires: Amorrortu, 2003, p. 33.

<sup>22</sup> SOKOLOWSKI, R. *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 56.

<sup>23</sup> CERBONE, D. R. *Fenomenologia*. – tradução de Caesar Souza. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p. 38.

<sup>24</sup> HUSSERL, E. 1859-1938. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia*. – tradução Márcio Suzuki. – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006, p. 62.

<sup>25</sup> GOTO, T. A. *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich / Tommy Akira Goto*. – São Paulo: Paulus, 2004, p. 30.

---

 Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo
 

---

Consequentemente, existe uma correlação entre as diferentes ciências de fatos e as ciências de essência, porquanto aquilo que faz algo significar factualmente não é propriamente o fato empírico, mas algo que transcende, que ultrapassa a empiria. A consciência sempre está significando, fornecendo sentidos ao mundo e as coisas. É somente a partir da atividade da consciência que conseguimos classificar e distinguir os fatos. Aquilo que propriamente caracteriza o aparecer das coisas, dos fatos, não são os próprios fatos, mas algo que os antecede.

Para chegarmos às essências, necessariamente temos que passar por um método de análise. Husserl denomina tal método como *redução* ou *epoché* (colocar entre parêntese o juízo intencional da consciência, o *isto existe*). Conforme Salanskis, o objetivo de Husserl através desse método é “de conservar o viver em toda a sua riqueza”<sup>26</sup>, buscando apagar, em certa medida, o *isto existe* implícito da vida, para que, assim, consigamos chegar às verdades eidéticas. Tommy Goto afirma que só é possível chegarmos às verdades eidéticas “através da intuição, que é como adquirimos imediatamente o conhecimento das essências e captamos o fenômeno”<sup>27</sup>. Portanto nos perguntamos: O que é a intuição? O que faz dela um ato da consciência que nos revela o conhecimento de essências? Para responder a essas e outras questões, iniciemos a abordagem específica do tema que se refere a intuição.

## **2 Ato intuitivo: atividade da consciência que revela a relação existente entre a *atitude natural* e a *atitude fenomenológica*.**

Podemos inicialmente descrever a intuição como o modo da consciência pelo qual se está em presença, em contato direto com o “objeto”<sup>28</sup>, ou, em outras palavras, com o *ser* do objeto. No entanto, o que significa essa afirmação? Dizer isso significa afirmar que na própria estrutura do ato intencional da consciência já existe algo intuído, algo que faz parte e que é a base do próprio ato intencional. Quando compreendemos a consciência como tendo algo em sua base que precede o ato intencional, entendemos que a consciência almeja uma efetivação do sentido que a anima. Ou seja, quando estamos diante de um objeto empírico, como, por exemplo, uma mesa e estamos voltados intencionalmente para ela, ao olharmos a mesa, o processo que ocorre em nossa consciência não é simplesmente o de perceber um mero objeto empírico diante de nós, no entanto, nossa percepção vai para além dos dados sensíveis que objeto empírico nos fornece. Nesse ato de atenção, a consciência percebe o objeto visado como repleto de significados, dentre eles: local onde podemos realizar refeições solitários ou com a companhia de nossos familiares; local onde podemos estender uma toalha branca e colocar sobre ela um lindo vaso de flores, etc.

---

<sup>26</sup> SALANSKIS, J. -M. 1951 – *Husserl* / Jean-Michel Salanskis; tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. – São Paulo : Estação Liberdade, 2006, p. 44.

<sup>27</sup> GOTO, T. A. *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich* / Tommy Akira Goto. – São Paulo: Paulus, 2004, p. 30.

<sup>28</sup> Utilizamos o conceito objeto entre aspas em função de o mesmo não fazer referência ao objeto empírico, mas sim ao objeto enquanto objeto transcendental.

---

 Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo
 

---

Diante desse exemplo apresentado, percebemos que a relação do *ego* com o objeto mesa acaba por ser mediada por intuições que o animam, que fornecem sentido a intencionalidade da consciência. Quando olhamos para um determinado objeto o percebemos a partir de uma cadeia intencional de significados. Esses significados (intuições animadoras) almejam um preenchimento, uma efetivação com relação ao objeto. Esta efetivação ocorre quando estamos voltados intencionalmente para o objeto de desejo e aquilo que era meramente intuído acaba por se efetivar factualmente. Para facilitar a compreensão pensemos novamente no exemplo da mesa. Quando estamos voltados intencionalmente para a mesa intuímos diferentes significações possíveis, como: local de refeição da minha família. Essa intuição somente é preenchida quando esse fato ocorre, ou seja, quando faço a refeição com a minha família naquela mesa. Assim, passamos de um mero ato intuído para um ato preenchido.

No entanto, a intuição somente faz referência a objetos empíricos? Seria possível intuirmos sentimentos ou valores? Conforme Husserl, podemos pensar em atos valorativos dentro dessa perspectiva. Podemos estar apaixonados por alguém e esse sentimento não ser correspondido, ou seja, podemos estar intencionalmente voltados com paixão para uma pessoa e esse sentimento não ser recíproco. Com isso, aquilo que animava meu ato intencional acaba por não ser preenchido intencionalmente<sup>29</sup>.

Conforme a perspectiva fenomenológica apresentada por Husserl, é possível perceber que os dados originários da consciência, aqueles que fornecem sentido ao mundo, aos objetos e a nós mesmos não estão propriamente no mundo ou nos objetos, mas os precedem. Logo, as diferentes ciências empíricas acabam por fazerem referência aos dados originários da consciência. Sendo assim, basta de teorias disparatadas, conforme Husserl,

Nenhuma teoria imaginável pode nos induzir em erro quanto ao *princípio de todos os princípios: toda intuição doadora originária é uma fonte de legitimação do conhecimento, tudo que nos é oferecido originariamente na “intuição”* (por assim dizer, em sua efetividade de carne e osso) *deve ser simplesmente tomado tal como se dá [...] Vemos, no entanto, com clareza que toda teoria só poderia tirar a sua verdade dos dados originários*<sup>30</sup>.

Husserl encontrou no ato intuitivo os dados originários da consciência. Tudo que percebemos, valoramos, desejamos está anteriormente apresentado na intuição. É na intuição que nos é apresentado o “objeto” em “carne e osso”, o “objeto” em sua rede de significados possíveis. No entanto, Husserl estaria sendo dualista como Platão ou Descartes quando se refere que o “objeto” mesmo seria encontrado na intuição? Existiria um objeto físico e outro “objeto” intuído? Como ocorre essa relação entre esses “diferentes” objetos?

---

<sup>29</sup> Essa nova forma de análise da consciência conforme o método fenomenológico acarretou diversas mudanças na perspectiva de estudos da psicologia, pois a consciência passa a não ser mais compreendida como um receptáculo dos dados sensíveis, e sim, como constituidora do mundo.

<sup>30</sup> HUSSERL, E. 1859-1938. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia*. – tradução Márcio Suzuki. – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006, p. 69.

## Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo

De forma alguma seria uma das metas da fenomenologia permanecer no dualismo proposto por Descartes, mesmo reconhecendo que esse fora um dos filósofos mais importantes para o surgimento dessa disciplina. Husserl almeja escapar de todo dualismo possível, de todo empirismo e de toda metafísica. O *objeto intencional* que se revela no ato intuitivo nada mais é do que os possíveis significados que poderão ser postos sobre as sensações que são advindas do objeto empírico ou de um objeto representado. Existe uma relação de complementaridade entre esses “diferentes objetos”. O ato intuitivo revela o objeto empírico em sua doação originária, em sua ipseidade, em sua essência<sup>31</sup>. É através do ato intuitivo que percebemos que o objeto empírico não é somente compreendido nos limites da empiria, como objeto no mundo, mas também como objeto do *meu* mundo, envolto de predicados essenciais ou sentidos ontológicos intencionais. Nunca visamos unicamente o objeto empírico, entretanto, esse, a partir das sensações, invoca os significados intencionais que a ele se relaciona.

O ato intuitivo revela a consciência como sendo uma relação constante entre a *atitude natural* e a *atitude fenomenológica*. Por mais que na *atitude natural* nós estejamos diante do objeto empírico e não o percebamos a partir da rede de significações que animam sua constituição enquanto *objeto intencional*, o fato de não percebermos tal ato da consciência não anula a atividade intencional da consciência. Voltamo-nos intencionalmente aos “objetos” e os significamos intencionalmente na própria *atitude natural*. Cabe unicamente a nós, a partir da *epoché*, suspender o juízo imediato da consciência para compreender as verdades de essência, a base que constitui o “objeto” visado.

Quando realizamos a suspensão do juízo da consciência, deparamo-nos com a possibilidade de intuirmos as essências. Conforme Husserl,

a intuição de essência é consciência de algo, de um “objeto”, de um algo para o qual o olhar se dirige, e que nela é “dado” como sendo “ele mesmo”; mas também é consciência daquilo que então pode ser “representado” em outros atos, pode ser pensado de maneira vaga ou distinta, pode tornar-se sujeito de predicados verdadeiras ou falsas [...]<sup>32</sup>.

Na intuição de essência, o “ver” – não o ver da percepção sensível, mas o “ver” da intuição – se dirige a um “objeto” *essencial*, ou seja, para aquilo que o caracteriza enquanto *ele mesmo*, enquanto “objeto” que possui predicados essenciais, que o definem. Entretanto, a intuição de essência também nos revela aquilo que está para além dos predicados essenciais: as *intenções de significação*, que podem ser preenchidas ou ficarem simplesmente vazias. Para melhor esclarecer esses dois pontos, os *predicados essenciais* e as *intenções de significação*, apresentamos o seguinte exemplo: em nossa vida cotidiana, deparamo-nos com diferentes objetos físicos, dentre eles podemos citar: a mesa, o carro, o celular, a cadeira, a televisão, a cama e etc. Todos esses objetos possuem *predicados essenciais*, ou

<sup>31</sup> HUSSERL, E. 1859-1938. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia*. – tradução Márcio Suzuki. – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006, p. 36.

<sup>32</sup> HUSSERL, E. 1859-1938. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia*. – tradução Márcio Suzuki. – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006, p. 37.

---

 Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo
 

---

seja, aquilo que os define enquanto determinados objetos e não outros. Uma cadeira não é uma mesa, um celular não é um carro, cada objeto tem seus *predicados essenciais*. No entanto, ao nos relacionarmos com os objetos – é propriamente isso que o ato intuitivo nos revela – não somente nos relacionamos com os *predicados essenciais*, mas temos *intenções de significação* sobre aquele determinado objeto. Quando estamos muito cansados, chegamos em nossas casas, deparo-nos com a nossa cama. Nessa situação, a cama é para nós, não somente um objeto que possui *predicados essenciais*, mas é também alvo de desejo, pois a visamos intencionalmente como um lugar onde podemos nos deitar e renovar as nossas energias. Outro exemplo que podemos citar, é o computador ao qual estou utilizando para escrever esse texto: um dia foi visado como um objeto de consumo, desejava comprá-lo; hoje, o viso como meio de trabalho, de comunicação. O objeto computador continua o mesmo, com *predicados essenciais* que não foram alterados; no entanto, seu significado, para mim, modificou-se em função das *intenções de significação* que hoje possuo ao visá-lo. Além disso, as *intenções de significação* não são necessariamente intenções preenchidas como as dos *predicados essenciais*, pois posso desejar algo e não ter esse algo, posso criar expectativas sobre algo e as mesmas serem frustradas. Em outros termos, as *intenções de significação* servem diretamente para apontar o objeto para além daquilo que ele é enquanto essência, podendo essas intenções serem preenchidas ou não. Levinas, ao ler Husserl, afirma que as *intenções significativas* pensam algo sobre o objeto, enquanto a *intuição de essência* nos dá algo do objeto mesmo<sup>33</sup>.

O ato intuitivo, por sua vez, possui uma estrutura a qual lhe determina enquanto ato da consciência. Temos por um lado a percepção (presentação, *Gegenwärtigung*) e pelo outro a imaginação e a memória (re-presentação, *Vergegenwärtigung*). Os objetos que se apresentam ou representam nesses atos se dão a si mesmos, ou seja, mostram-se enquanto tais. Segundo Levinas, a intuição é um ato que verdadeiramente tem o seu “objeto”<sup>34</sup>. É nesse sentido que a intuição se diferencia das *intenções significativas* ou *atos significativos* que pensam o “objeto”, mas nada possuem do mesmo, são sempre vazios, podendo ser ou não atos preenchidos pela intuição. Já o *ato intuitivo* se dá sempre de forma plena (*Fülle*), e os seus conteúdos possuem a função de representar a plenitude do objeto.

O ato intuitivo permite que compreendamos a relação de fundamentação existente das ciências de fatos nas ciências eidéticas<sup>35</sup>. Husserl apresenta a concepção de que quão mais alto as ciências de fato tenham em seus alicerces “ciências eidéticas aprimoradas e delas tire proveito para suas fundamentações, tanto mais aumentará também em amplitude e força seu desempenho cognitivo-

---

<sup>33</sup> LEVINAS, E. 1930. *La teoría fenomenológica de la intuición*. – tradução Tania Checchi. – México: Epidermes, 2004; Salamanca, Espanha: Sígueme, 2004, p. 95.

<sup>34</sup> LEVINAS, E. 1930. *La teoría fenomenológica de la intuición*. – tradução Tania Checchi. – México: Epidermes, 2004; Salamanca, Espanha: Sígueme, 2004, p. 97.

<sup>35</sup> HUSSERL, E. 1859-1938. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia*. – tradução Márcio Suzuki. – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006, p. 45.

Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo prático<sup>36</sup>. A intuição eidética remete-nos à saída dos universais empíricos para irmos em direção dos universais de essência. Isso quer dizer que a fenomenologia abre um novo campo de saber, campo esse que se coloca como seguro para as ciências de fato. Quanto mais aprimorada a ciência eidética for, mais seguro será o seu conhecimento.

Husserl propõe uma nova base de fundamentação do conhecimento na fenomenologia. Como a matemática expressa suas verdades lógicas ( $1 + 1$  é sempre 2), caracterizando seu conhecimento como imutável, as ciências empíricas, se também desejam assegurar as suas “verdades”, devem buscar, segundo Husserl, as verdades de essência, revelando assim aquilo que as fundamenta enquanto tais<sup>37</sup>. As verdades de essência revelam-se assim como aquilo sem o qual o objeto empírico não pode ser definido como o próprio objeto. Essas verdades caracterizam-se por serem “mais profundas e mais fortes do que as verdades empíricas. De fato, são tão profundas e fortes que as pessoas, geralmente, tomam-nas por certas e não veem razão para defendê-las”<sup>38</sup>.

Podemos então afirmar que quando realizamos a redução fenomenológica em busca das verdades eidéticas sempre as encontramos? Como sabemos se essas verdades eidéticas são de fato legítimas? Conforme Sokolowski, não estamos impossibilitados de cometer enganos ao realizar a redução fenomenológica, pois podemos escorregar para a pura fantasia sem essências. Sokolowski cita o exemplo da cidade “perfeita” imaginada por Sócrates como uma intuição extraviada. Para Sokolowski,

A cidade de Sócrates, o soberano de Hobbes, as utopias marxistas, a consciência cartesiana e a natureza matematicamente ideal sofrem todos de um excesso de imaginação. São intuições extraviadas, projetos de fantasia e não expressões do mundo no qual verdadeiramente vivemos<sup>39</sup>.

Para evitarmos tais erros metodológicos, onde aquilo que é intuído é totalmente diferente daquilo que percebemos empiricamente, Sokolowski nos orienta a tentarmos refutar ao máximo as premissas as quais utilizamos para defender o nosso argumento, podendo apresentá-las em debates e imaginando contra-exemplos. Sendo assim, para a nossa proposta ter validade metódica, não podemos nunca negar a relação entre aquilo que propomos eideticamente com os universais empíricos, ambos não podem se contradizer, pois os universais empíricos servem como fundamentação para os universais eidéticos. “Os universais eidéticos vão além do empírico, mas repousam neles e não deveriam destruí-los”<sup>40</sup>. Nessa perspectiva, as tentativas de Sócrates e Hobbes, que anteriormente citamos, são válidas enquanto pensamentos ideais, utopias, mas acabam por contradizer os universais empíricos, pois a teoria não consegue se sustentar na prática, distanciando-se dela em seus pontos centrais.

<sup>36</sup> HUSSERL, E. 1859-1938. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia*. – tradução Márcio Suzuki. – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006, p. 45.

<sup>37</sup> SOKOLOWSKI, R. *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 191-192.

<sup>38</sup> SOKOLOWSKI, R. *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 193.

<sup>39</sup> SOKOLOWSKI, R. *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 195.

<sup>40</sup> SOKOLOWSKI, R. *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 195.

### Considerações Finais

O modelo, proposto pela fenomenologia, de método, contemporaneamente, continua sendo utilizado e tem se mostrado como um método capaz de trazer luz a problemas aparentemente difíceis de resolução. São diferentes as ciências que estão se beneficiando do método, dentre elas: a neurociência, a psicologia, a enfermagem, a educação, entre outras. No entanto, ainda é preciso que investiguemos a proposta de Husserl, pois muitas são as contradições que encontramos naqueles que se utilizam somente do método fenomenológico sem levar em consideração todo o pensamento que envolve a sua teoria.

Diante disso, ponderamos alguns aspectos centrais da teoria que aqui investigamos, almejando auxiliar aqueles que se desafiarem a trilhar o caminho proposto pela fenomenologia:

1º aspecto: a *atitude natural*, posição originária da consciência, pode ser compreendida como um ato da consciência que já revela em si a possibilidade de uma mudança de orientação diante do mundo e das coisas. Na *atitude natural*, a intencionalidade da consciência está em ação, cabendo unicamente a nós mudarmos nossa atenção dos fatos empíricos para irmos em busca das essências que fundamentam e que fornecem sentido para o fato. A *atitude natural* não pode ser entendida enquanto uma atitude puramente não-filosófica em função de existiram antecipações da *atitude fenomenológica* na *atitude natural*;

2º aspecto: caso permaneçamos em nossa postura originária não conseguiremos ir ao encontro das *coisas mesmas*, daquilo que doa sentido ao mundo e aos objetos. Somente descobriremos aquilo que doa sentido aos atos intencionais se voltarmos nossa atenção para a *atitude fenomenológica*, sendo esse o principal convite da fenomenologia husserliana;

3º aspecto: a fenomenologia tem como base ser um método, uma *atitude*, e não uma doutrina filosófica. Isso fica evidente quando Husserl apresenta a mudança de postura do *ego* diante do mundo e das coisas, não mais se restringindo à perspectiva da experiência empírica, mas sim buscando um alicerce indubitável para estabelecer o saber;

4º aspecto: a fenomenologia almeja apresentar, a partir da *epoché*, um mesmo local de significação das coisas e do mundo. Independente da ciência, na fenomenologia encontramos um ponto de unidade do conhecimento.

Se relembremos, as questões que motivaram o surgimento da fenomenologia foram: a fragmentação do saber apresentado pelos diferentes métodos utilizados pelas ciências naturais; uma resposta ao descrédito das ciências humanas atribuído pelo positivismo; e ao desejo da psicologia enquanto alicerçada em bases empíricas e causais almejar se tornar a ciência das ciências. Entretanto, podemos nos questionar se atualmente esses problemas ainda não permanecem. Não estamos ainda pensando o conhecimento de forma cartesiana, dividido em blocos, disciplinas? Não estamos, ainda hoje, almejando um conhecimento que vise a interdisciplinaridade? O conhecimento mais valorizado

Atitude Natural e Atitude Fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo

em nosso período não é o tecnológico e científico? Se de fato essas questões permanecem, podemos então dizer que a fenomenologia continua se apresentando como um modelo de pensamento que pode auxiliar na resolução dessas diferentes questões.

A fenomenologia revela-se como um campo filosófico, que precisa ainda ser desbravado com maior rigor, tendo em vista as suas possíveis contribuições, pois essas ainda não parecem ter sido de fato aproveitadas pelas diferentes ciências. O projeto filosófico da fenomenologia não se apresenta como fundado em Husserl, entretanto se mostra como um método que pode ser utilizado por diferentes pesquisadores em diferentes áreas. Compreendemos isso ao depararmos com os pensadores que continuaram essa tradição, dentre eles: Martin Heidegger, Edith Stein, Maurice Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre, Emmanuel Levinas, Michel Henry, etc. A fenomenologia ainda pode ser um campo muito proveitoso de análise e pesquisa, somente necessita de pessoas dispostas a saírem de uma postura natural de investigação, voltando-se para o olhar fenomenológico, o olhar que pretende mostrar a relação permanente que existe entre as diferentes ciências.

## Referências

- CERBONE, D. R. *Fenomenologia*. – tradução de Caesar Souza. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- LEVINAS, E. 1930. *Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- \_\_\_\_\_. *La teoría fenomenológica de la intuición*. – tradução Tania Checchi. – México: Epidermes, 2004; Salamanca, Espanha: Sígueme, 2004.
- GOTO, T. A. *O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich / Tommy Akira Goto*. – São Paulo: Paulus, 2004. – (Coleção filosofia).
- HUSSERL, E. 1859-1938. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia*. – tradução Márcio Suzuki. – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Investigações lógicas: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento / Edmund Husserl; seleção e tradução de Zelijko Loparic*. – São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Meditações cartesianas e Conferência de Paris: de acordo com o texto de Husserliana I / Edmund Husserl; editado por Stephan Strasser; tradução Pedro M. S. Alvez*. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Forense, 2013.
- SALANSKIS, J. -M. 1951 – *Husserl / Jean-Michel Salanskis; tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura*. – São Paulo : Estação Liberdade, 2006.
- SZILASI, W. *Introducción a la fenomenología de Husserl*. – 1a ed. – 1a reimp. – Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- SOKOLOWSKI, R. *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004.

Recebido em: 15/05/2014

Aprovado para publicação em: 01/09/2014